

Para consultor, disputa é mais atrativa para as térmicas

Rodrigo Polito
Do Rio

O leilão de energia existente, do tipo “A-0”, que será realizado hoje, é mais interessante economicamente para empreendimentos termelétricos do que para hidrelétricas. Segundo um especialista que presta consultoria para grandes empresas do setor e que preferiu não se identificar, a principal diferença está no fato do risco hidrológico que terá que ser calculado pelas hidrelétricas na elaboração de suas propostas.

Na prática, risco hidrológico é a possibilidade de uma usina produzir menos energia do que a sua garantia física (volume de energia autorizada a vender). O risco é mais acentuado no segundo semestre de 2014, porque os níveis dos reservatórios estão muito baixos. Nesse caso, o gerador deve comprar energia ao preço “spot” — hoje R\$ 822,83 por megawatt-hora (MWh) — para honrar contratos.

A alternativa ao leilão, para as geradoras, é continuar vendendo energia no mercado “spot”. De acordo com o edital do “A-0”, o preço-teto para contratos por disponibilidade (voltado para térmicas) é de R\$ 262 por MWh. Já os contratos por quantidade (destinado a hidrelétricas) têm teto de R\$ 271 por MWh. Os contratos terão duração de cinco anos e oito meses, com fornecimento, começando amanhã até o fim de 2019.

Estima-se que as únicas empresas que possuem termelétricas

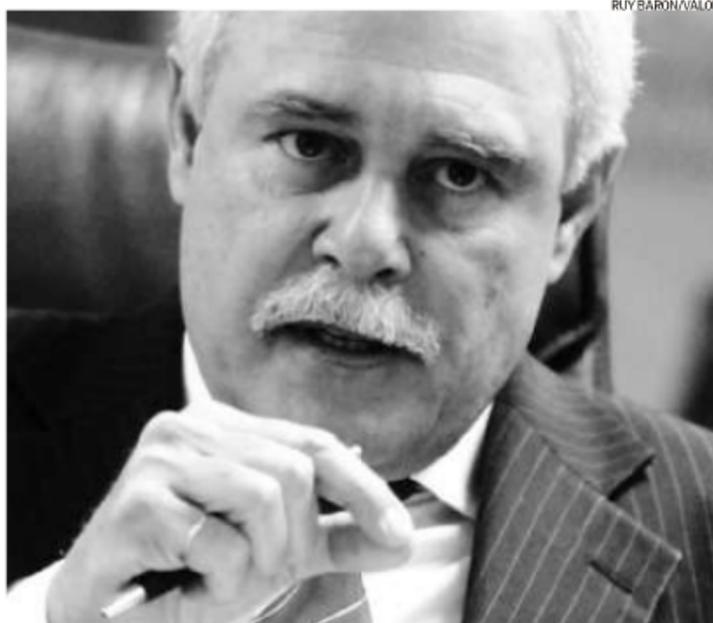
disponíveis para negociar no leilão são Petrobras e AES. A estatal possui um grupo de térmicas para incluir na disputa, enquanto a norte-americana deve participar com a usina de Uruguaiana, na fronteira com a Argentina. Com relação a Uruguaiana, o especialista lembra que a AES deverá incluir em sua análise o risco de indisponibilidade do gás natural, que precisa ser importado.

Ao todo, o consultor prevê que as térmicas incluídas no leilão tenham 1,5 mil megawatts de potência instalada disponível. Segundo ele, existe a possibilidade de toda a demanda das distribuidoras ser preenchida no leilão. Para ele, esse montante é de 3 mil MW médios.

Os principais interlocutores do governo na área energética trabalham com a hipótese de preenchimento parcial da demanda do leilão. “O governo está sendo pessimista para evitar críticas, caso a demanda não seja atendida e para dar uma boa notícia depois, se o resultado for positivo”, diz o consultor.

Outros especialistas, porém, discordam. A consultoria Thyos Energia estima que sejam negociados mil MW médios. O Instituto Acende Brasil ressalta, em relatório, que a estimativa de oferta máxima é de cerca de 2,3 mil MW. Segundo o órgão, a exposição das distribuidoras é de 3,3 mil MW médios atualmente.

Para Nelson Hübner, ex-diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e especialista



RUY BARON/VALOR

Nelson Hubner, ex-diretor da Aneel: somente estatais vão participar do leilão

do Gesel/UFRJ, somente as estatais participarão do leilão, seguindo orientação do governo.

Hübner defende que o leilão deveria incluir também um outro tipo de contrato, do tipo “A-3”, em que seria negociado o fornecimento de energia daqui a três anos. A medida permitiria a participação no leilão de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), cuja documentação está em trâmite na Aneel e que somam 7 mil MW de capacidade instalada.

Esse montante, além de aliviar a pressão sobre as distribuidoras, em um horizonte de três anos, também seria um indicador de queda de preço “spot” de energia

a partir de 2017, o que pesaria na decisão dos geradores de participar, ou não, do leilão de hoje.

Segundo o secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia, Altino Ventura Filho, há várias usinas habilitadas para o leilão. Ele, porém, não informou quantos empreendimentos estarão na disputa e qual a capacidade de oferta de energia de cada um deles.

Na semana passada, Furnas informou que incluirá no leilão o volume de 345,4 MW médios da usina de Serra da Mesa contratado da CPFL Energia, pelo preço de R\$ 128,90 o MWh até 2028.

O leilão de energia existente, do tipo "A-0", que será realizado hoje, é mais interessante economicamente para empreendimentos termelétricos do que para hidrelétricas. Segundo um especialista que presta consultoria para grandes empresas do setor e que preferiu não se identificar, a principal diferença está no fato do risco hidrológico que terá que ser calculado pelas hidrelétricas na elaboração de suas propostas.

Na prática, risco hidrológico é a possibilidade de uma usina produzir menos energia do que a sua garantia física (volume de energia autorizada a vender). O risco é mais acentuado no segundo semestre de 2014, porque os níveis dos reservatórios estão muito baixos. Nesse caso, o gerador deve comprar energia ao preço "spot" - hoje R\$ 822,83 por megawatt-hora (MWh) - para honrar contratos.

A alternativa ao leilão, para as geradoras, é continuar vendendo energia no mercado "spot". De acordo com o edital do "A-0", o preço-teto para contratos por disponibilidade (voltado para térmicas) é de R\$ 262 por MWh. Já os contratos por quantidade (destinado a hidrelétricas) têm teto de R\$ 271 por MWh. Os contratos terão duração de cinco anos e oito meses, com fornecimento, começando amanhã até o fim de 2019.

Estima-se que as únicas empresas que possuem termelétricas disponíveis para negociar no leilão são Petrobras e AES. A estatal possui um grupo de térmicas para incluir na disputa, enquanto a norte-americana deve participar com a usina de Uruguaiana, na fronteira com a Argentina. Com relação a Uruguaiana, o especialista lembra que a AES deverá incluir em sua análise o risco de indisponibilidade do gás natural, que precisa ser importado.

Ao todo, o consultor prevê que as térmicas incluídas no leilão tenham 1,5 mil megawatts de potência instalada disponível. Segundo ele, existe a possibilidade de toda a demanda das distribuidoras ser preenchida no leilão. Para ele, esse montante é de 3 mil MW médios.

Os principais interlocutores do governo na área energética trabalham com a hipótese de preenchimento parcial da demanda do leilão. "O governo está sendo pessimista para evitar críticas, caso a demanda não seja atendida e para dar uma boa notícia depois, se o resultado for positivo", diz o consultor.

Outros especialistas, porém, discordam. A consultoria Thymos Energia estima que sejam negociados mil MW médios. O Instituto Acende Brasil ressalta, em relatório, que a estimativa de oferta máxima é de cerca de 2,3 mil MW. Segundo o órgão, a exposição das distribuidoras é de 3,3 mil MW médios atualmente.

Para Nelson Hübner, ex-diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e especialista do Gesel/UFRJ, somente as estatais participarão do leilão, seguindo orientação do governo.

Hübner defende que o leilão deveria incluir também um outro tipo de contrato, do tipo "A-3", em que seria negociado o fornecimento de energia daqui a três anos. A medida permitiria a participação no leilão de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), cuja documentação está em trâmite na Aneel e que somam 7 mil MW de capacidade instalada.

Esse montante, além de aliviar a pressão sobre as distribuidoras, em um horizonte de três anos, também seria um indicador de queda de preço "spot" de energia a partir de 2017, o que pesaria na decisão dos geradores de participar, ou não, do leilão de hoje.

Segundo o secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia, Altino Ventura Filho, há várias usinas habilitadas para o leilão. Ele, porém, não informou quantos empreendimentos estarão na disputa e qual a capacidade de oferta de energia de cada um deles.

Na semana passada, Furnas informou que incluirá no leilão o volume de 345,4 MW médios da usina de Serra da Mesa contratado da CPFL Energia, pelo preço de R\$ 128,90 o MWh até 2028.